

A Promessa do Espírito

(14:15-31)

OUTRO AUXILIADOR (14:15-24)

¹⁵Se me amais, guardareis os meus mandamentos.

¹⁶E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, ¹⁷o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

¹⁸Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros. ¹⁹Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis. ²⁰Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós. ²¹Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. ²²Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo? ²³Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. ²⁴Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou.

Versículo 15. Desde o início deste capítulo, as palavras de Jesus enfatizaram a importância da fé na sua Pessoa. Agora, o foco mudou para o amor, como demonstram as oito ocorrências do verbo “amar” (ἀγαπάω, *agapaō*) em 14:15-24. Jesus tinha falado do seu amor pelos doze e havia demonstrado esse amor lavando-lhes os pés. Aqui, pela primeira vez no Evangelho de João, Jesus falou do amor dos discípulos por ele: **Se me amais, guardareis os meus mandamentos.** O verbo no tempo

presente ἀγαπάτε (*agapate*) na oração condicional comunica uma ação contínua: “se vocês continuarem a me amar”. Existe um elo vital entre o amor a Jesus e a obediência a ele, um tema que aparece não só neste contexto, mas também por todo o registro de João (veja 14:21, 23, 24; 15:14; 1 João 5:2, 3). Seguindo os textos mais confiáveis, a RA traduziu o verbo equivalente a “guardar” no futuro e não no imperativo. O amor a Jesus necessariamente leva à obediência aos seus mandamentos, mas quais são esses mandamentos? A expressão grega τὰς ἐντολάς (*tas entolas*) é usada para a observância dos dez mandamentos (Mateus 19:17, 18; veja 1 Coríntios 7:19); mas aqui Jesus disse “os meus mandamentos”, ou seja, “os mandamentos que são meus, característicos de mim”.¹ Esses mandamentos não se limitam a “implicações éticas”, como parece alegar Leon Morris². George R. Beasley-Murray comentou:

A alternância de ‘os meus mandamentos’ com ‘a minha palavra’ e ‘as minhas palavras’ nos vv. 21, 23, 24 sugere que eles abarcam toda a gama da revelação do Pai, e não somente instruções éticas (cf. 8:31-32; 12:47-49; 17:6)³.

Quem ama a Jesus vive em harmonia com toda a revelação de Deus, a qual inclui o dever de os discípulos de Jesus se amarem uns aos outros. De fato, “nisto conhecemos que amamos os filhos de

¹ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reprint, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 205.

² Leon Morris, *The Gospel according to John*, rev. ed., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 575.

³ George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 256.

Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos” (1 João 5:2).

Versículo 16. As consequências do amor dos discípulos por Jesus deveriam ser duplas: eles guardariam os seus mandamentos, e Jesus **rogar[ia] ao Pai** que lhes desse **outro Consolador**. Esta é a primeira das declarações sobre o Paracleto. Jesus disse aos seus discípulos que ele só ficaria com eles um pouco mais. Aonde Jesus estava indo, seus seguidores não poderiam ir imediatamente, só mais tarde (13:33–36). Nunca mais eles desfrutariam de sua presença física como no período de seu ministério terreno; no entanto, isso não significava que eles ficariam sozinhos. O Pai, a pedido do Filho, enviaria “outro Consolador”, o qual acompanharia os seguidores de Jesus. Enquanto 14:26 diz que o Pai enviaria o Consolador em nome de Jesus, 15:26 e 16:7 afirmam que o próprio Jesus enviaria o Consolador (veja Lucas 24:49; Atos 2:33). João não fez distinção nessas expressões por causa da unidade do Pai e do Filho (veja 5:19–30). Apesar de todos os Relatos do Evangelho mencionarem o Espírito Santo, João fornece o estudo mais completo sobre o Espírito, exposto pelo próprio Jesus. São usadas quatro designações para o Espírito em todo o livro: “o Espírito” (1:32, 33; 3:5, 6, 8, 34; 7:39), “o Espírito Santo” (1:33; 14:26; 20:22), “o Espírito da verdade” (14:17; 15:26; 16:13) e “o Consolador” (14:16, 26; 15:26; 16:7).

A palavra grega παράκλητος (*paraklētos*), traduzida por “Consolador” na RA, “originalmente significava no sentido passivo... ‘aquele que é chamado para auxiliar alguém’”. No grego secular, referia-se a alguém que ajuda outra pessoa no tribunal, sem, contudo, se restringir ao significado técnico do latim *advocatus*, relativo a um conselheiro jurídico⁴. Johannes Behm observou que “a forma passiva não descarta a ideia de παράκλητος como um ser ativo que fala ‘em nome de alguém perante alguém’”⁵. A conotação jurídica do termo é mais evidente “em 16:7–11, mas ali o Paracleto serve mais como um advogado de acusação do que de

defesa”⁶. O termo ocorre uma vez fora do Evangelho de João, em 1 João 2:1, onde o sentido jurídico é devidamente aplicado a Jesus como nosso “Advogado” nos tribunais celestiais. Embora o sentido jurídico seja evidente em algumas das passagens que se referem ao Consolador, esse sentido provavelmente não deve ser determinante na interpretação de todas as ocorrências. O ensino principal de Jesus sobre o Consolador que ele prometeu enviar encontra-se em cinco passagens de João: 14:16, 17; 14:25, 26; 15:26, 27; 16:7–11 e 16:12–15. F. F. Bruce observou que nessas passagens “o Espírito é apresentado sucessivamente como auxiliador, intérprete, testemunha, advogado e revelador”⁷. Edgar J. Goodspeed disse:

“Defensor” é um equivalente muito próximo, porém, o sentido pretendido parecer ser mais do que uma testemunha de defesa. A obra de ensinar e lembrar [os discípulos] parece ir muito além desse significado e evoca uma palavra mais ampla e solta, conforme seu uso no evangelho⁸.

É difícil encontrar um equivalente exato do grego *paraklētos*. Se há limitações na tradução “Conselheiro” (NVI), o mesmo ocorre em relação à palavra “Consolador”. Morris observou que essa tradução só pode ser defendida com base etimológica (do latim, que denota “Fortalecedor” ou “Auxiliador”). Ele afirma que hoje a palavra “consolação” passou a significar “conforto” e “reverter em bem uma situação difícil”; no entanto, *paraklētos* comunica mais a ideia de “fornecer a assistência que libertará da situação difícil”⁹. D. A. Carson disse que “Conselheiro” é uma leitura correta, “à medida que se entenda ‘conselheiro jurídico’, não um conselheiro do tipo ‘matrimonial’ – e, mesmo assim, o ministério do Paracleto estende-se para além da esfera judicial”. Ele acrescentou que a palavra “‘Auxiliador’... não é ruim, mas tem implicações de subordinação ou inferioridade, implicações essas nitidamente ausentes em João 14–16”¹⁰. Morris concluiu que “‘Auxiliador’ é melhor, porém sem considerar que esse termo não contém um

⁴ “...o [significado] técnico, ‘advogado’, é raro” (Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 766).

⁵ Johannes Behm, “παράκλητος” em *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, org. G. Kittel e G. Friedrich, ed. Geoffrey W. Bromiley. Trad. A. Teixeira Filho, J. A. dos Santos, P. S. Gomes, T. P. Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, vol. II, p. 134.

⁶ D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 499.

⁷ F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 302.

⁸ Edgar J. Goodspeed, *Problems of New Testament Translation*. Chicago: University of Chicago Press, 1945, p. 111.

⁹ Morris, p. 589.

¹⁰ Carson, p. 500.

significado ativo"¹¹. A conclusão da questão parece ser que *paraklētos*, embora se refira “àquele que é chamado para ajudar alguém”, denota uma variedade de significados, incluindo advogado, mediador, intercessor, promotor, auxiliador, consolador, conselheiro, professor, intérprete, testemunha, revelador e exortador. A literatura sobre o assunto indica que alguns estudiosos, em vez de tentar captar o termo sugerindo uma tradução, optaram por transliterá-lo para “Paracleto”. No que tange ao propósito deste comentário, adotaremos a partir de agora o termo “Auxiliador” usado na NTLH.

Aquele que o Pai enviaria a pedido de Jesus foi chamado de “outro Auxiliador”, com a implicação de que os discípulos já tinham um Auxiliador – a saber, o próprio Jesus. O fato de Jesus ser um “Paracleto” (chamado de nosso “Advogado” em 1 João 2:1), enquanto o Espírito é outro “Paracleto” (chamado de “outro Consolador/Auxiliador” em 14:16), indica claramente uma distinção de Pessoas. Isso contraria o ensino de alguns grupos religiosos, antigos e modernos (veja os comentários sobre 1:1). Embora distintos como Pessoas (o que é enfatizado pela palavra grega traduzida por “outro”, ἄλλοι, *allon*), Jesus e o Espírito Santo não são distintos quanto à natureza. Ambos são a Divindade e, portanto, idênticos em essência.

Apesar de Jesus ser o Advogado de todos os seus discípulos no tribunal celestial (1 João 2:1), a passagem em questão implica que, durante seu ministério, Jesus agiu como um Auxiliador dos discípulos. Muito em breve, outro Auxiliador estaria com eles **para sempre**. Os ministérios desses dois Auxiliadores não foram simultâneos, mas consecutivos. “O fato de que o ‘outro Paracleto’ estaria com os discípulos ‘para sempre’ confirma o entendimento geralmente unânime de que ele seria o *sucessor* de Jesus e permaneceria com eles ‘até a eternidade’”¹². O advérbio “para sempre” vem de αἰών (*aiōn*), que significa “um longo período”¹³. É a mesma palavra traduzida por “século” em Mateus 28:20, onde Jesus disse que estaria com os seus discípulos “todos os dias, até a consumação do século”. Guy N. Woods observou: “A missão do Espírito por intermédio deles era, na realidade, a missão de Cristo, e deveria ser continuada en-

quanto vivessem”. Ele prosseguiu dizendo que o ensino do Espírito por meio dos apóstolos continuaria com os santos fiéis e “permaneceria no mundo para sempre”. Este ensino era o conjunto da verdade “que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3), “e não uma revelação *contínua* por meio de quaisquer ‘sucessores’ ou seguidores dos apóstolos”¹⁴.

Versículo 17. O Auxiliador é identificado como o **Espírito da verdade**, um título usado também em 15:26 e 16:13. Jesus já havia se descrito como “a verdade” (14:6; veja 1:14, 17). O Auxiliador é chamado de “o Espírito da verdade” não porque a verdade o define tal como define Jesus; mas porque ele desvendaria a verdade sobre Jesus e o Pai aos apóstolos (veja 1 Coríntios 2:6–13; Hebreus 2:4). O Espírito da verdade é Aquele que comunica a verdade. “A verdade” refere-se a um conjunto de informações fatuais que são proposicionais; por exemplo, Jesus disse: “Conhecereis a verdade” (8:32; veja 16:13). Após a revelação da identidade do Auxiliador, Jesus comparou o mundo com os discípulos. Jesus disse que o **mundo** (veja os comentários sobre 1:10), o domínio sobre o qual Satanás reina, **não pode receber** o Espírito da verdade **porque não o vê, nem o conhece**. Pelo menos duas interpretações predominam sobre o significado de “o mundo não pode receber” o Espírito.

1. É comum entre os estudiosos a interpretação de que o mundo não pode nem receber o Espírito nem conhecê-lo porque a natureza do mundo é fundamentalmente diferente da do Espírito. Essa visão, no entanto, não condiz com casos em que pessoas que estavam no mundo foram obviamente influenciadas pelo Espírito Santo. Cornélio, por exemplo, ouviu palavras mediante as quais ele poderia ser salvo (Atos 11:14). O texto indica que ele estava perdido e, portanto, no mundo dominado por Satanás. Em sua condição de perdido, ele recebeu o batismo do Espírito Santo assim como os apóstolos (Atos 10:47). A seguir, ele foi batizado em água para receber o perdão dos pecados (Atos 10:48; veja 2:38).

2. A outra interpretação focaliza a definição de λαμβάνω (*lambanō*), traduzido por “receber”, embora signifique primariamente “agarrar [algo] impondo as mãos ou pegando, direta ou indireta-

¹¹ Morris, p. 589.

¹² George R. Beasley-Murray, *Gospel of Life: Theology in the Fourth Gospel*. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 73.

¹³ Bauer, p. 32.

¹⁴ Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 312.

mente, tomar”¹⁵. Embora os inimigos de Jesus pudessem prendê-lo e levá-lo embora, não poderiam fazer o mesmo com Aquele que Jesus enviaria. O Espírito não poderia ser preso e levado por inimigos (o mundo em oposição a Jesus) que “não o viam nem o conheciam”. Em contraste com o mundo, os discípulos de Jesus “conheceriam” o Espírito da verdade. Jesus disse: **ele habita convosco e estará em vós**. B. F. Westcott chamou a atenção para três preposições em 14:16 e 17¹⁶. O Auxiliador estaria “com” (μετά, *meta*) eles (14:16); ele habitaria “com” (παρά, *para*) eles; e estaria em (ἐν, *en*) eles, ou seja, neles (14:17). Carson disse: “O Espírito Santo, já na ocasião em que Jesus falava com seus discípulos, estava vivendo com ele, uma vez que Jesus estava presente, pois para ele o Pai concedia o Espírito sem medida (3:34)”¹⁷. Depois de Jesus ter sido glorificado, os apóstolos, no primeiro Pentecostes após Jesus ressurgir da sepultura, receberiam o batismo do Espírito Santo e, naquele momento, teriam o Espírito habitando “neles” (*en*).

Versículos 18 e 19. Jesus já havia dito aos seus discípulos várias vezes que em breve ele partiria (13:33, 36; 14:2, 12); desta vez, ele prometeu: **não vos deixarei órfãos**. A palavra “órfãos” (de ὀρφανός, *orfanos*) denota crianças privadas de pais que lhes são seus progenitores naturais. Ocorre em outras partes do Novo Testamento apenas duas vezes neste sentido literal, em conjunção com viúvas. (O termo se encontra em Tiago 1:27 e em Marcos 12:40, em alguns manuscritos.) Aqui o sentido é mais figurativo, comunicando a ideia de “estar sem a ajuda e o conforto de um companheiro e amigo”¹⁸. Jesus sabia como os discípulos se sentiriam depois que ele partisse, mas assegurou-lhes que não deveriam se sentir abandonados. Ele prometeu voltar para eles.

¹⁵ Bauer, p. 583.

¹⁶ Westcott disse que essas três “preposições são usadas para descrever a relação do Espírito Santo com os crentes”, o que implica que todos os crentes em Cristo estão sendo descritos. (Westcott, p. 205.) Embora seja verdade que hoje há um relacionamento do Espírito Santo com os cristãos (cf. Romanos 8), deve-se lembrar que o contexto do discurso de despedida diz respeito a Jesus e seus apóstolos; o ensino de Jesus sobre o Espírito Santo naquela ocasião restringiu-se a eles. Mesmo assim, podemos encontrar algum ensino aplicável a todos os cristãos de hoje (veja, por exemplo, 13:34, 35).

¹⁷ Carson, p. 510.

¹⁸ Bauer, p. 725. Este é o sentido em que o termo foi usado por Platão para descrever os amigos de Sócrates quando disse: “...pensando que, como os que são privados de um pai, devemos passar o resto de nossa vida como órfãos” (Platão, *Fédon* 65.116a).

Embora Jesus tenha dito que voltaria, uma pergunta permanece: a qual vinda ele se referia? Anteriormente, interpretou-se que a vinda de Jesus significava seu retorno após a ressurreição, sua vinda por meio do Espírito e sua vinda no fim dos tempos (veja os comentários sobre 14:2–4). Os estudiosos não são unânimes quanto ao significado da declaração de Jesus: **voltarei para vós outros**. Alguns vão tão longe a ponto de afirmar que a variação nas expressões a respeito de Jesus prometer voltar para os seus discípulos é uma “distinção que desaparece”¹⁹. Pode-se concluir que a ideia mais importante nessa promessa de Jesus não é a qual vinda exata ela se refere, mas somente a garantia da promessa: “Voltarei para vós outros”.

Há razão para pensarmos que Jesus se referia a uma volta específica. A volta da sepultura garantiria aos apóstolos que ele não estava morto, mas vivo; no entanto, é difícil compreender como a presença de Jesus por quarenta dias entre sua ressurreição e ascensão iria dar-lhes a confiança de que eles não estavam sendo deixados “órfãos”. Bruce esclareceu este aspecto quando disse que os “aparecimentos de Jesus ressurreto... foram breves e temporários”²⁰.

Apesar de Jesus ter se referido à sua segunda vinda em 14:3, aqui isto não fica tão evidente. A linguagem empregada por Jesus foi de imediatismo: **Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais**. Jesus disse que em pouco tempo o mundo “não” o veria “mais”; entretanto, na segunda vinda “todo olho o verá, até quantos o traspassaram” (Apocalipse 1:7).

Uma interpretação mais plausível da promessa de Jesus de “voltar” para os seus discípulos seria entendê-la como uma referência à sua vinda “na Pessoa de seu agente, o Espírito Santo, que ele enviaria sobre eles na forma de batismo”; “essa promessa foi realizada no primeiro Pentecostes após a ressurreição”²¹. O apoio para esse entendimento se acha no contexto da promessa da vinda de Jesus. Imediatamente antes, em 14:16 e 17, e logo depois, em 14:25 e 26, Jesus falou da vinda do Espírito. Na verdade, Jesus não deixaria seus discípulos sozinhos. Ele voltaria após ser glorificado (veja 7:39) num sentido espiritual, por meio da obra do Espírito Santo, que estaria com eles para sempre

¹⁹ C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1953, p. 395.

²⁰ Bruce, p. 303.

²¹ Woods, p. 313.

(14:16).

Embora o mundo tivesse visto Jesus durante todo o seu ministério público, no dia seguinte, este mesmo mundo o prenderia, crucificaria e sepultaria para longe de seus olhos pela última vez. O mundo não o veria mais, porém Jesus prometeu aos discípulos: **Vós... me vereis**. Eles, juntamente com mais quinhentos irmãos (1 Coríntios 15:6), veriam Jesus fisicamente pelo curto período em que ele estaria na terra entre sua ressurreição e ascensão; mas também o veriam espiritualmente, com os olhos da fé. A morte de Jesus foi uma separação para os discípulos, assim como foi para o mundo. Diferente do mundo – que permanece nas trevas para nunca mais ver Jesus – os discípulos o veriam. O verbo θεωρεῖτε (*theōreite*) está no presente, mas expressa continuidade em direção ao futuro (“vereis”).

Além disso, porque Jesus vive, os discípulos **também viveriam** (veja 5:21, 26; 6:57). Mesmo sendo tirado do meio deles, Jesus continuaria a viver para sempre. A ressurreição de Jesus era a garantia de que eles teriam a vida eterna por causa da fé que tinham nele. Jesus estava falando diretamente com os seus escolhidos; todavia, suas palavras parecem aplicáveis a todos os seus seguidores em todos os tempos. O mundo não vê Jesus, nem o conhece. Consequentemente, aqueles que estão no mundo não têm vida nele. No entanto, qualquer pessoa no mundo que venha a reconhecer quem Jesus realmente é – o Salvador do mundo – e a se tornar seu discípulo pode ver Jesus, conhecê-lo e encontrar vida nele.

Versículos 20 e 21. Jesus disse: **Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós**. O adjunto adverbial “naquele dia” tem conotações escatológicas; pode remeter à segunda vinda, como em Mateus 24:36. “Naquele dia” é usado diferentemente aqui e em 16:23 e 26. A maioria dos comentaristas entende que essas palavras apontam para a ressurreição de Jesus. No entanto, é mais plausível interpretá-las como se referindo ao dia em que o Espírito Santo foi enviado para estar com os apóstolos, o que ocorreu depois que Jesus foi exaltado à destra de Deus (Atos 2:1–4, 33). Quando fossem batizados no Espírito Santo, eles saberiam que Jesus estava no Pai, que eles estavam em Jesus e que Jesus estava neles. Ter o Espírito os capacitaria a compreender a unidade compartilhada por Jesus e pelo Pai, a qual eles tinham ouvido Jesus tantas vezes

declarar. “Naquele dia” marcaria o início da era cristã. Não só os apóstolos viriam a compreender a habitação mútua entre Jesus, o Pai e eles próprios quando esse dia chegasse, mas todos os que aceitassem a revelação do Espírito seriam igualmente habitados por Jesus e pelo Espírito. Os apóstolos deveriam obter esse conhecimento por meio do Espírito, que os ensinaria e os capacitaria a se lembrar de todos os ensinamentos de Jesus (14:26). Os futuros discípulos compreenderiam por meio da Palavra dada pelo Espírito Santo aos apóstolos e profetas (Efésios 2:20; 3:5; 4:11; veja 2 Pedro 1:20, 21). Hoje, esse entendimento começa quando uma pessoa se converte a Jesus com uma fé obediente (Gálatas 3:26, 27) e é transformada à imagem dele (veja 2 Coríntios 3:18). Essa habitação divina levou Paulo a dizer: “Estou crucificado com Cristo; já não sou eu quem vive, mas Cristo *vive em mim*” (Gálatas 2:19b, 20; grifo meu).

Jesus estivera falando diretamente com os seus discípulos, mas o que ele disse em 14:21 é mais geral e se aplica a todos os cristãos: **Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele**. Aqui ele definiu a base sobre a qual a habitação divina se fundamenta. Só podem fazer parte da habitação mútua os que amam Jesus. O amor mencionado em 14:15 resulta em obediência, ao passo que em 14:21, a prova desse amor é demonstrada na posse e observância dos mandamentos de Jesus. Ter os mandamentos não significa simplesmente possuí-los, mas sim preservá-los no coração e permitir que produzam um efeito no comportamento diário. O seguidor de Cristo deve ter um entendimento intelectual do conteúdo dos seus mandamentos, mas também deve guardá-los. Essa obediência em amor vai além de uma mera observância de regras ou concordância exterior. Inclui um coração agradecido àquele que gratuitamente deu as instruções. Jesus alertou sobre aqueles que o honravam com a boca, mas cujo coração estava longe dele (Mateus 15:8). A ideia básica é que a habitação mútua do Deus trino, desfrutada pelo cristão, é caracterizada pela obediência e reflete a unidade do Deus Filho com o Deus Pai. O cristão ama e obedece a Jesus da mesma forma que Jesus ama e obedece ao Pai. E o cristão é amado pelo Pai e amado por Jesus. Assim, Jesus “se manifestará”. Jesus não explicou o que ele quis dizer com esse manifestar-se, mas afirmou que ele se manifesta-

ria àqueles que o amam. Talvez isso incluísse seus aparecimentos pós-ressurreição; revelações posteriores a outros, como Estêvão (Atos 7:55, 56) e Saulo (Atos 9:3–6); a revelação por meio do Espírito Santo e a segunda vinda. Provavelmente, a ideia de “manifestar-se” a seus discípulos equivalia à ideia de fazer morada neles (juntamente com o Pai; veja 14:23, 24).

Versículos 22 a 24. Mais uma vez, Jesus foi interrompido por um seguidor que ansiava por entender o que ele acabara de dizer. Desta vez, o discípulo era **Judas**, que, sem dúvida, representava o que os outros estavam pensando. Pouco se sabe sobre Judas, e ele só é mencionado aqui neste Evangelho. João fez uma distinção cuidadosa entre este Judas e Judas **Isariotes**, que já havia deixado o cenáculo para executar a traição arquitetada contra Jesus (13:30). Este Judas, também chamado de “Tadeu” (Mateus 10:3; Marcos 3:18), era filho de Tiago (Lucas 6:16; Atos 1:13). Ele não deve ser confundido com Judas, o meio-irmão de Jesus (Mateus 13:55; Marcos 6:3). O problema de Judas era muito parecido com o dos irmãos de Jesus, que já haviam dito: “Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo” (7:4). Perplexo, Judas perguntou: **Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?** (14:22). Aparentemente, Judas subentendeu “manifestar-se” como “manifestar-se fisicamente”. Em semelhança aos seus contemporâneos judeus (e aos demais discípulos de Jesus), Judas esperava que o Messias viesse em toda a sua glória e estabelecesse um reino terreno. Se era isso que o Messias pretendia fazer, então como ele poderia manifestar-se a seus discípulos, mas não ao mundo? Além disso, se ele não se manifestasse abertamente ao mundo, que garantia haveria de que ele era o verdadeiro Messias? A pergunta de Judas foi formulada com a implicação de que Jesus teria feito alguma alteração no plano original; mas, como bem sabe o leitor de João, não houve mudança de planos. Jesus veio e fez exatamente o que o Pai lhe mandou fazer.

Assim como em outras ocasiões, Jesus não respondeu diretamente a Judas. Em vez disso, ele repetiu a promessa de que se manifestaria a cada discípulo que o amasse e lhe obedecesse (14:21; veja os comentários sobre 14:15). Quem **ama** a Jesus **guardará** as suas **palavras**, o que resulta nas seguintes bênçãos: 1) o **Pai o amará**; 2) Jesus e o Pai virão **para ele** e 3) Jesus e o Pai farão **nele morada** (14:23).

O versículo 23 contém a segunda ocorrência neste capítulo, e em todo o Novo Testamento, da palavra *μονή* (*monē*, “morada”), embora em 14:2 ela esteja no plural (“moradas”) e se refira a um local exterior a Jesus e aos discípulos (veja os comentários sobre 14:2–4). Jesus prometeu: “Viremos para ele e nele faremos morada”. Enquanto em 14:3 a promessa era que os discípulos viveriam com Jesus no futuro, aqui a promessa era que Jesus e o Pai habitariam nos discípulos já no presente. Embora Paulo tenha dito em Efésios 3:17 que Jesus habita no cristão, este é o único ensino no Novo Testamento segundo o qual tanto o Pai como o Filho habitam nos seguidores de Cristo. No Antigo Testamento, Deus habitava entre o seu povo no tabernáculo (Êxodo 25:8; 29:45; Levítico 26:11, 12) e, mais tarde, no templo (Atos 7:46, 47). Hoje, os cristãos, individual e coletivamente (como igreja), são como um templo; e Deus habita neles (1 Coríntios 3:16; 6:19). Esse habitar de Deus no cristão não é algo misterioso; refere-se à comunhão constante do Pai e do Filho com o cristão. A promessa de Jesus aqui é semelhante à promessa feita aos cristãos de Laodiceia: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Apocalipse 3:20).

Jesus afirmou em 14:23: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra...”; e expôs a mesma ideia em forma de negação em 14:24. Quem não ama Jesus não guarda as suas palavras (ou seja, não lhe obedece). Jesus reiterou o que ele já tinha afirmado várias vezes ao conversar com seus oponentes hostis: **a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou** (14:24; veja 5:19–30; 7:16; 8:26, 28; 12:49, 50). Ele não poderia evocar uma autoridade superior à do Pai. Rejeitar as palavras de Jesus era rejeitar o ensino do Pai.

O ESPÍRITO SANTO E OS APÓSTOLOS (14:25, 26)

²⁵**Isto vos tenho dito, estando ainda convosco;**
²⁶**mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.**

Versículos 25 e 26. Jesus lembrou seus discípulos: **Isto vos tenho dito, estando ainda convosco.** A frase “isto vos tenho dito” (*ταῦτα λελάληκα*,

tauta lelalēka) ocorre aqui pela primeira vez e aparece mais seis vezes no discurso de despedida (15:11; 16:1, 4, 6, 25, 33). Embora alguns comentaristas sustentem que essa frase se refere à totalidade do ensino de Jesus, ela parece ser uma referência às palavras que Jesus acabara de pronunciar nesse discurso. A frase “estando ainda convosco” indica que o tempo da presença terrena de Jesus com seus discípulos logo terminaria. Esse término não só contrastava com a promessa de que ele habitaria no crente (14:23), mas também era uma introdução à segunda declaração sobre o Paracleto, em 14:26 (veja 14:16).

O Consolador (veja os comentários sobre 14:16), anteriormente denominado “o Espírito da verdade” (14:17), é aqui identificado como **o Espírito Santo**, a típica designação da terceira pessoa da Divindade. O relacionamento íntimo do Espírito com os outros dois membros da Trindade se evidencia no fato de que **o Pai** o enviaria em **nome** do Filho. João não fez nenhuma distinção significativa sobre como Jesus disse que o Auxiliador seria enviado, se pelo Pai a pedido do Filho (14:16), pelo Pai em nome de Jesus (14:26), ou pelo próprio Jesus (15:26; 16:7). Sempre que repetia um conceito, João o fazia com variações. No entanto, pode haver algo mais na expressão “em meu nome” (veja os comentários sobre 14:13, 14). Se o Auxiliador fosse enviado em nome de Jesus, então ele seria o representante de Jesus, assim como Jesus foi enviado em nome do Pai como representante do Pai (veja 5:43)²². Jesus veio em nome do Pai para revelar o seu caráter e propósito, e o Espírito viria em nome de Jesus para revelar a missão de Jesus.

Jesus apresentou a obra do Espírito Santo como sendo dupla: **ensinar** aos discípulos **todas as coisas** e fazer **lembrar** tudo o que Jesus lhes ensinou. As duas tarefas são semelhantes, senão idênticas. Por todo o Evangelho, os discípulos não conseguiram entender o que Jesus estava ensinando (veja 2:22; 12:16). Todavia, assim que o Espírito fosse enviado, teriam com certeza “a *clareza* da revelação” e “a *continuidade* da revelação”²³. Quanto à primeira tarefa, como mestre, o Espírito “ensinaria” aos discípulos “todas as coisas” que Jesus havia dito e feito; com isto, teriam clareza da revelação. Tudo o que não estava claro para eles antes se tornaria

compreensível através do Espírito. Em relação à segunda tarefa, o Espírito lhes faria lembrar do que Jesus havia ensinado durante seu ministério público, resultando em continuidade da revelação. A obra do Espírito neste aspecto não consistia em fornecer uma nova revelação, e sim em fazer os discípulos se lembrarem dos ensinamentos dados pelo próprio Jesus. Sem dúvida, eles se esqueceriam ou talvez negligenciariam muito do que Jesus havia dito. Sem a ajuda do Espírito, eles não teriam compreendido o significado ou a importância dos ensinamentos de Jesus. O Senhor prometeu que o Espírito os capacitaria a compreender com exatidão todas as verdades por ele reveladas.

O propósito de João não foi alegar que essa promessa de Jesus se estendia para além dos apóstolos, mas explicar como eles chegaram a um entendimento correto de tudo o que Jesus tinha dito e feito. O cumprimento dessa promessa aos apóstolos ocorreu no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus dentre os mortos (Atos 2) e continuou enquanto o Espírito os guiou. Uma das obras mais importantes do Espírito foi inspirar os apóstolos, ou seja, exercer seu poder sobre os apóstolos e os profetas enquanto eles escreviam as Escrituras. O Espírito os guiou e os impediu de cometer erros enquanto registravam por escrito e garantiu que soubessem tudo o que precisavam saber (veja 1 Coríntios 2:7–13; 2 Timóteo 3:16, 17; Hebreus 2:1–4; 2 Pedro 1:20, 21). Os apóstolos, por sua vez, receberam poder para transmitir certos dons do Espírito a outros (1 Coríntios 12:28) pela imposição de suas mãos (Atos 8:14–18). Quando o último apóstolo se foi e a última pessoa sobre quem um apóstolo impôs as mãos morreu, toda a atividade miraculosa do Espírito cessou. Hoje temos em nossas mãos a Palavra de Deus inspirada, e só podemos acessar a verdade consultando a Palavra. David Lipscomb comentou acertadamente que “nenhuma alma não inspirada jamais aprendeu uma verdade espiritual senão por meio das palavras da Bíblia”²⁴. Quem afirma ter recebido revelações do Espírito além do que está na Palavra de Deus demonstra que, na realidade, não aceita que a Bíblia é a revelação final, completa e suficiente de Deus à humanidade. Woods observou:

Quando homens [começam] a imaginar que seus

²² Beasley-Murray, *Gospel of Life*, p. 74.

²³ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, pp. 223–24 (grifo meu).

²⁴ David Lipscomb, *A Commentary on the Gospel by John*, ed. C. E. W. Dorris. Nashville: Gospel Advocate Co., 1939, p. 233.

palpites, sua intuição e seus sonhos são orientações do Espírito Santo, não hesitam em renunciar ao ensino claro e inequívoco do Espírito no Novo Testamento – o único ensino certo do Espírito – na ânsia de saciar suas fantasias e, assim, naufragar na fé²⁵.

PALAVRAS DE PAZ (14:27–31)

²⁷Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. ²⁸Ouvistes que eu vos disse: vou e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. ²⁹Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais. ³⁰Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim; ³¹contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.

Versículo 27. Jesus retomou os pensamentos registrados na primeira parte do capítulo 14, oferecendo aos seus discípulos uma mensagem de convicção: **Deixo-vos a paz.** “Paz” (εἰρήνη, *eirēnē*) é a tradução do hebraico *shalom*, que continua a ser usado como um cumprimento judaico (20:19, 21, 26) e também uma fórmula de despedida. Aqui, assim como em 16:33, Jesus usou “paz” como uma fórmula de despedida; mas o termo comunicava mais do que uma típica despedida. A “paz” mencionada por Jesus era a sua paz, e ele estava deixando essa paz com os discípulos. O verbo traduzido por “deixar” é ἀφήμι (*afiēmi*), que significa “transmitir”. A paz foi o presente de despedida de Jesus aos seus discípulos. O que Jesus chamou de sua “paz” é muito mais profundo e duradouro do que qualquer paz citada em uma saudação ou despedida. Essa paz de Cristo pode reinar no coração humano (Colossenses 3:15); é a paz incompreensível que guarda o coração e a mente dos que estão em Cristo Jesus (Filipenses 4:7).

Depois de afirmar positivamente o que estava deixando ou transmitindo aos seus discípulos, Jesus disse: **a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo.** A paz de Jesus difere da paz do mundo em vários aspectos. 1) A paz que o mundo oferece numa saudação ou despedida é apenas uma expressão de boa vontade, mas não pode

garantir que os receptores realmente experimentem o que lhes é almejado. A paz de Jesus é mais profunda e duradoura. 2) Além disso, a paz mencionada por Jesus não depende das circunstâncias mundanas. A *pax romana* (“paz romana”) imposta pelo primeiro imperador de Roma, Augusto, era garantida e mantida pela espada. A paz de Jesus não é garantida pela violência; ela foi conquistada por um Homem inocente, morto “por mãos de iníquos” (Atos 2:23)²⁶. 3) Além disso, ao contrário das concepções mundanas de paz que implicam na ausência de conflito e guerra, a paz de Jesus pode coexistir com a angústia e o perigo. Mais tarde, Jesus lembraria aos discípulos que eles seriam odiados pelo mundo (15:18) e que enfrentariam aflições (16:33). A paz dada por Jesus é experimentada internamente, é uma tranquilidade capaz de extinguir uma tendência do coração para o medo e a aflição. Andreas J. Köstenberger captou a essência desse poder quando disse: “Como logo mais Jesus demonstraria, sua paz não é a ausência de condições que intimidem, e sim a compostura de ser fiel em face da adversidade”²⁷.

A paz que o Senhor Jesus deixou com seus discípulos era tudo o que eles precisavam para acalmar o coração perturbado e o espírito amedrontado. Por isso, Jesus repetiu essencialmente o que já havia dito em 14:1: **Não se turbe o vosso coração, acrescentando: nem se atemorize.** Essas duas exortações negativas complementam o que Jesus tinha dito positivamente sobre deixar a sua paz com os discípulos. Bruce observou que, no discurso de despedida, Jesus “não só concedeu aos discípulos a ‘minha paz’, como também ‘o meu amor’ (15:9, 10) e ‘o meu gozo’ (15:11)”²⁸. Bruce continuou:

Quando recordamos que amor, alegria e paz são as três primeiras graças do fruto do Espírito em Gálatas 5:22, imaginamos se esses três elementos não formavam uma tríade no pensamento cristão primitivo comparável a fé, esperança e amor.²⁹

Versículos 28 e 29. Jesus reiterou o que havia dito em 14:3: que, apesar de estar partindo, ele

²⁶ O filósofo judeu Filo chamou a paz de Deus de “a maior de todas as coisas boas... que nenhum homem é capaz de conceder” (Filo, *Sobre a Vida de Moisés* 1.55 [304]).

²⁷ Andreas J. Köstenberger, *John*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2004, p. 444.

²⁸ Bruce, p. 305.

²⁹ Ibid.

²⁵ Woods, p. 317.

voltaria para os seus seguidores. Os discípulos ficaram angustiados e confusos com o seu ensino e deveriam ter ficado alegres, não decepcionados, ao ouvir a promessa da sua volta. Jesus repreendeu-lhes mansamente: **Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.** Alguns afirmam que essa declaração “é um apelo terno, meio brincalhão” e que Jesus não estava realmente questionando o amor dos discípulos³⁰. É melhor interpretar a frase “se me amásseis” incluindo a implicação de que os apóstolos ainda não tinham o amor genuíno por Jesus que deveriam ter. O verdadeiro amor da parte dos discípulos resultaria em alegria, e não em tristeza. Quem já tivesse desenvolvido um amor genuíno por Jesus teria dois motivos para se alegrar: Jesus estava indo para o Pai, e o Pai era maior do que Jesus. Os discípulos deveriam se alegrar diante da expectativa de Jesus ir para o Pai, porque sua partida e subsequente volta para os seus resultaria em maiores bênçãos para eles bem como para outros seguidores. Raymond E. Brown captou esta ideia:

...a partida [de Jesus] significa que a obra que o Pai lhe mandou realizar está concluída. Agora ele será glorificado com aquela glória que tinha com o Pai antes que o mundo existisse. Isto é motivo de alegria para os discípulos, porque quando Jesus for glorificado, ele também glorificará seus discípulos, concedendo-lhes a vida eterna [17:2]³¹.

Um segundo motivo para os discípulos se alegrarem era que o Pai que enviou Jesus com uma missão era maior do que Jesus. O que estava implícito nisso, como expôs Beasley-Murray, era a garantia de que “*tudo está sob controle*”. Ele observou que Deus iria cumprir seu propósito através dos terríveis acontecimentos que em breve ocorreriam e que os discípulos podiam confiar que ele faria o mesmo “por eles em seus momentos de provação”³². Contextualmente, o significado da afirmação “o Pai é maior do que eu” é óbvio; porém, muitas vezes, essa declaração é tirada do contexto e usada para comprovar e defender a interpretação ariana (segundo Ário, início do quarto século) de que Jesus era um ser criado, não parti-

cipante, portanto, da natureza divina (veja os comentários sobre 1:1). Jesus já havia afirmado em João 10:30 que ele e o Pai eram um; e, embora estivesse enfatizando ali o cuidado protetor de Deus, o versículo contém o significado mais amplo de que Jesus e o Pai são um em essência (veja os comentários sobre 10:30). “O Pai é maior do que eu” pode ser entendido de duas maneiras. 1) A ênfase do versículo não está na natureza divina de Jesus, mas no estado encarnado do Filho. Jesus deixou a glória que ele partilhava com o Pai desde antes da fundação do mundo (17:5) e assumiu um estado carnal (1:14; veja Filipenses 2:5–11). É evidente que o Pai é maior do que o Filho nesse estado. Naquele momento, Jesus estava prestes a voltar para o Pai; e, se os discípulos realmente o amassem, em vez de serem egocêntricos, iriam se alegrar com o fato de Jesus ir para “casa”. 2) Uma série de declarações sobre a Divindade registradas em João atestam a subordinação do Filho ao Pai no que tange à Pessoa, mas não à essência. Jesus não veio para cumprir a sua própria vontade, e sim a do Pai (6:38); ele falou as palavras do Pai e realizou as obras do Pai (5:36; 14:10); ele foi enviado ao mundo pelo Pai (5:23).

Quanto à traição de Judas, em 14:29 Jesus reafirmou o que já havia dito em 13:19: **Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais.** Essa declaração destaca a presciência de Jesus, um tema recorrente em 16:4; 18:4 e 19:28. Embora os discípulos não entendessem totalmente o que Jesus estava lhes dizendo, mais tarde eles se lembrariam de que Jesus predisse todos esses acontecimentos. O entendimento da presciência de Jesus aumentaria a fé dos apóstolos.

Versículos 30 e 31. A declaração de Jesus **já não falarei muito convosco** não marca o fim de seus comentários ao se despedir dos discípulos, mas aponta para a iminente prisão e, por fim, a crucificação. Jesus logo cessaria de ensinar, porque **o príncipe do mundo** estaria vindo (veja os comentários sobre 12:31–33). Embora Judas e os soldados estivessem se aproximando, Jesus não os mencionou. Eles eram meras ferramentas nas mãos de Satanás. Jesus enfatizou que era o próprio Satanás, o príncipe do mundo, que estava vindo. **Ele nada tem em mim** contém no grego uma dupla negativa (οὐκ... οὐδέν, *ouk... ouden*) e poderia ser traduzida por “ele não tem mesmo nada em mim”. A frase é “uma versão idiomática de uma expressão hebraica que ocorre frequentemente em

³⁰ J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 2, p. 555.

³¹ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (xiii–xxi)*, The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 655.

³² Beasley-Murray, *John*, p. 262.

contextos judiciais com o sentido de ‘ele não tem direitos sobre mim’³³. O diabo não tinha direitos sobre Jesus; ele não tinha motivos para justificar a prisão e crucificação de Jesus. Jesus não era deste mundo (8:23; veja 17:11; 18:36), nem jamais cometeu pecado (8:46; veja Hebreus 4:15). Se Jesus fosse culpado de pecado, o diabo teria algum direito sobre ele. Daí então, a morte de Jesus teria sido merecida e o diabo teria sido vitorioso. Obviamente, Jesus era inocente e morreu voluntariamente. Assim ele derrotou Satanás. Com isto, Jesus disse que **o mundo saberia** que ele ama **o Pai** e faz **como o Pai** [lhe] **ordenou**³⁴. Jesus não deu motivos para Satanás realizar seus intentos, pois ele nunca pecou. Jesus confrontou o diabo e o domínio sobre o qual ele reinava e voluntariamente deu sua vida pela redenção do mundo.

Jesus encerrou esta parte do discurso com as palavras: **Levantai-vos, vamo-nos daqui**. Embora seja uma declaração simples, seu significado tem sido assunto de muitos debates entre os críticos, gerando variados palpites.

1. Alguns estudiosos concluíram que o texto após 14:31 foi deslocado, pertencendo, originalmente ao fim do discurso de despedida³⁵. Todavia, não há apoio textual para essa ideia.

2. Outro palpite é que o sentido dessas palavras era espiritual e Jesus não estava convidando os discípulos a se mobilizarem fisicamente. C. H. Dodd sugeriu a seguinte tradução: “O príncipe

deste mundo está chegando. Ele não tem direitos sobre mim; mas para mostrar ao mundo que amo o Pai e faço exatamente o que ele ordena – levantem-se, vamos ao encontro dele!”³⁶ Ainda que engenhosa, essa sugestão não convence.

3. Outros têm defendido que Jesus de fato só saiu do cenáculo após os comentários de João 17³⁷. Nesse caso, Jesus ordenou aos discípulos que saíssem; porém, “enquanto eles permaneceram em silêncio diante dele, ele deu a lição de João 15 e 16 e prosseguiu fazendo a oração de João 17...”³⁸ Depois dessas palavras, Jesus e os discípulos deixaram o cenáculo, saíram da cidade e atravessaram o vale do Cedrom, de acordo com 18:1. Embora segundo essa interpretação Jesus e os discípulos teriam evitado as ruas barulhentas de uma cidade lotada durante seu ensino, é difícil acreditar que Jesus e os discípulos ficaram por ali durante uma longa exposição. Homer A. Kent Jr. observou que “é intrigante o fato de João, escrevendo mais de sessenta anos depois, ter julgado importante incluir essa declaração, caso ela tivesse se tornado quase insignificante”³⁹.

4. O significado mais óbvio é que, nesse momento do discurso, Jesus e os discípulos deixaram o cenáculo e a instrução restante foi dada enquanto caminhavam até o Getsêmani. A saída “para o outro lado do ribeiro de Cedrom”, provavelmente, foi uma retirada da cidade (18:1).

³³ Köstenberger, p. 445.

³⁴ Embora se afirme que o Pai ama o Filho em 3:35 (ἀγαπάω, *agapao*) e 5:20 (φιλέω, *fileo*), esta é a única vez no Evangelho de João em que se diz que o Filho ama (*agapao*) o Pai.

³⁵ Bernard, vol. 2, p. 556.

³⁶ Dodd, p. 409.

³⁷ Essa ideia se baseia na dificuldade de conduzir um grupo a se retirar depois de despedi-lo. Quem já recebeu grupos em casa pode se identificar com essa dificuldade.

³⁸ Woods, p. 320.

³⁹ Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, p. 177.